



O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem

The study of texts in an enunciative perspective of language

Carmem Luci da Costa SILVA*

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/
Programa de Pós-Graduação em Letras - área de Estudos da Linguagem - Porto Alegre - RS - Brasil)

RESUMO

Este trabalho se sustenta na ideia de que a capacidade simbólica, base da significação, é condição de integração humana à linguagem. Parte-se do pressuposto de que, a cada vez que a língua é atualizada em discurso, via enunciação, há uma nova experiência de significação instaurada na linguagem. Nessa perspectiva, o artigo procura responder à seguinte questão: Como estudar o texto a partir de uma concepção enunciativa de linguagem? A resposta a essa questão é formulada a partir da concepção de que o texto, considerado discurso, resulta da atualização da língua por um locutor; que, por nascer na cultura (Benveniste 1995; 1989), a cada ato de enunciação, realiza um acontecimento diferente e novo para fazer a passagem a sujeito e, nessa passagem, registra o modo como se instaura nos valores culturais da sociedade em que vive. É, com esses princípios, que o estudo enunciativo de um texto é proposto.

Palavras-chave: *linguagem; enunciação; discurso; texto.*

* Pesquisa e orienta na área de Linguística, e seus principais temas de interesse são: aquisição da linguagem, estudo de texto e ensino de língua portuguesa nas abordagens enunciativas e argumentativas. E-mail: clcostasilva@hotmail.com.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

This paper is based on the idea that the symbolic capacity, base of signification, is the condition for the human integration to language. It starts from the assumption that each time language is actualized in discourse, through enunciation, a new experience of signification is established in language. From this standpoint, the article seeks to answer the following question: How to study texts from an enunciative conception of language? The answer to this question is formulated based on the conception that a text, regarded as discourse, results from language being actualized by a speaker. Since the speaker was born in culture (Benveniste 1995; 1989), with every act of enunciation they perform a different and new event to become a subject. In this process, the speaker registers the way they introduce themselves in the cultural values of the society they live in. The enunciative study of a text is proposed with these principles.

Key-words: *language; enunciation; discourse; text.*

Palavras iniciais

Enunciar é inserir um discurso no mundo para significar. A instauração de um lugar de significação *na* e *pela* linguagem é possível de ser explicada pela teorização de Émile Benveniste sobre a atualização da língua em discurso como lugar de passagem de locutor a sujeito. Essa teorização ancora-se nas obras *Problemas de Linguística Geral I* – edição brasileira de 1995 – e *Problemas de Linguística Geral II* – edição brasileira de 1989¹.

Para o linguista, não é possível separar homem da linguagem, constatação que o leva a desconstruir a oposição natureza/cultura e a defender que a linguagem está na natureza do homem. O discurso, como produto de um ato de enunciação, traz sempre um acontecimento diferente e novo que dá existência ao sujeito, fundando-o na linguagem.

Refletir sobre texto nessa perspectiva é situar-se nessa dimensão de historicidade para tratar cada experiência de atualização da língua

1. A edição original francesa das obras é: *Problemas de Linguística Geral I*, 1966, e *Problemas de Linguística Geral II*, 1974.

em discurso como um registro humano na linguagem, já que pensar a língua fora de seu uso é excluir o humano e o histórico. A partir dessa concepção de interdependência homem-linguagem, formulamos a seguinte indagação: *Como estudar o texto a partir de uma concepção enunciativa de linguagem?*

Para responder a essa questão, trataremos das seguintes problemáticas: 1) da presença humana na linguagem, com a exploração de sua dimensão simbólica, base da significação; 2) da atualização da língua em discurso a partir de um ato de enunciação como lugar de passagem de locutor a sujeito e 3) da relação indivíduo e sociedade instanciada na comunicação intersubjetiva, possível por meio de discursos. Essas problemáticas serão tratadas, neste artigo, com a consideração da necessidade de adoção de uma perspectiva de leitura a respeito da teorização de linguagem de Benveniste (Flores 2013). O ponto de vista adotado aqui é o da temática da enunciação, atrelada às noções de linguagem e língua. Por isso, o *corpus* textual da reflexão teórica que subsidiará nosso estudo compõe-se de textos específicos, que comparecem nas diferentes partes das obras citadas de Benveniste: para tratarmos de *linguagem e língua*, convocaremos as reflexões presentes nos textos *Níveis da análise linguística*, *Estruturalismo e linguística*, *Estrutura da língua e da sociedade*, *A forma e o sentido na linguagem* e *Semiologia da língua*; para refletirmos mais especificamente sobre os temas *enunciação e discurso*, traremos, principalmente a abordagem presente em *O aparelho formal da enunciação*, relacionando-a às problemáticas de *A natureza dos pronomes* e *Da subjetividade na linguagem*.

Com a ideia de que o homem – por estar imerso na linguagem – reinventa sua língua a cada ato de enunciação, organizamos este artigo em três partes: na primeira, é apresentada uma concepção de linguagem atrelada a seu funcionamento simbólico e indissociável da dimensão humana para tratar dos modos de significância da língua; na segunda parte, é tratada a relação entre língua, enunciação e discurso para produzirmos uma reflexão sobre texto e, na terceira parte, ilustramos um estudo de texto como uma das possibilidades de análise enunciativo-textual.

1. A integração humana à linguagem

Uma teoria da linguagem é uma teoria que “produz frutos quando se apóia (...) sobre as línguas reais”, formulação defendida por Benveniste em seu prefácio à obra *Problemas de linguística Geral I*. As línguas, então, dão acesso à compreensão dos mecanismos gerais de funcionamento da linguagem na qual o homem se encontra sempre mergulhado.

Assim, a linguagem é, para o linguista, o elo entre os homens, visto não haver relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. Há um aparato simbólico para intermediar essa relação: a linguagem. Como sistema simbólico por excelência, a linguagem, que se realiza em uma língua particular inseparável de uma sociedade com sua cultura, é o elo intermediário homem-mundo e homem-homem.

Essa capacidade simbólica está na base da significação como condição da integração humana à linguagem, pois, conforme o linguista, “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a.” (Benveniste 1989: 285). Como consequência dessa formulação, a relação entre linguagem e homem é de interdependência (ou constitutiva), por não se conceber o homem fora da linguagem e nem a linguagem independente do homem. Ou seja: a linguagem é definida no homem e o homem na linguagem. Encontra-se aqui a dimensão antropológica da perspectiva de linguagem benvenistiana (Dessons 2006; Flores 2013).

Para que as relações humanas se concretizem e sejam significadas por esse aparato simbólico intermediário, a linguagem² precisa

2. Como atesta Flores (2013), a reflexão de Benveniste é marcada por uma flutuação terminológica e conceitual, mas, ao se estudar o conjunto da obra, depreendem-se distinções entre *linguagem* e *língua*. Estamos, a partir do linguista, adotando, em forma de síntese, as seguintes noções: a linguagem é uma faculdade simbólica, constitutiva da natureza humana, que possibilita ao homem significar. A língua, realização da linguagem, articula-se em níveis (fonológico, morfológico...) e unidades (fonema, morfema...) integrados em forma e sentido. É considerada um sistema interpretante dos demais sistemas por comportar quatro aspectos: 1) a possibilidade de manifestação pela enunciação para constituir referência; 2) unidades em relação; 3) os valores partilhados pelos membros de uma comunidade e 4) o lugar de atualização da comunicação intersubjetiva.

realizar-se em uma língua particular, que se atualiza em discurso, conforme defende Benveniste:

Antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso, bem antes de servir para comunicar a linguagem serve para *viver*. Se nós colocarmos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. (Benveniste 1989:222)

De fato, é através da língua em emprego que cada indivíduo manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso, o que faz Benveniste (1989:24) defender que a língua se constitui como “um mecanismo de significação”, já que é por meio dela que se enlaça o sistema cultural com o seu próprio sistema. Para o autor, “há como uma semântica que atravessa todos esses elementos de cultura e que os organiza.” (Benveniste 1989:25). Por isso, afirma: “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. (...) Esses valores são os que se imprimem na língua”. (Benveniste 1989: 22).

O tema da significação tem desdobramentos em várias dimensões na obra de Benveniste: no domínio intralinguístico, semiótico, que tem como unidade o signo; no domínio semântico, que abarca o universo da língua-discurso, e no domínio translinguístico, em que a língua – por apresentar semiótico e semântico – pode ser convertida em discurso e se tornar interpretante dela mesma, dos textos, das obras e de outros sistemas. Em todos esses domínios, estão no centro as noções gêmeas de forma e de sentido.

De fato, para Benveniste (1995; 1989), as diferentes relações de significação presentes na relação do homem com a língua-discurso e constitutivas do funcionamento simbólico da linguagem comportam a interdependência entre *forma* e *sentido*, que se situa: 1) na *distintividade* (a que essa forma se opõe na relação com outra? Ser distintivo é ser significativo); 2) no *reconhecimento* (essa forma tem sentido no

uso?) e 3) na *compreensão da ideia global* da frase/do discurso e do emprego da palavra na frase/no discurso (qual o sentido das formas sintagmatizadas nesse discurso?). As propriedades de *distintividade* e de *reconhecimento* estão vinculadas à relação forma-sentido do *domínio semiótico* (do signo). Já a *compreensão* é a propriedade que envolve a relação forma-sentido no *domínio semântico* (do discurso). É nesse jogo entre *distintividade*, *reconhecimento* e *compreensão* que o locutor está imerso sempre para significar e comunicar *com e para* o outro no engendramento constante dos domínios semiótico e semântico a cada vez que coloca a língua em ação e, nesse domínio, a língua, como expressão simbólica da linguagem de significar, torna-se o elo intermediário entre os indivíduos e a sociedade:

vemos [...] na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando a vida dos homens. [...] Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo [...]. (Benveniste 1989: 229).

A base dessa visão de linguagem, em que as realizações humanas – individuais e coletivas – somente podem ter existência porque estão ligadas ao exercício do discurso, implica considerar que a relação que cada locutor instaura com o outro, com o mundo e com outros sistemas simbólicos da sociedade torna-se possível por meio da língua como interpretante de outros sistemas, da sociedade e, inclusive, dela própria.

Essa é a dupla significância da língua desdobrada em semiótico, modo de significação próprio do signo, que deve ser reconhecido; e o semântico, modo específico de significação engendrado pelo discurso, que deve ser compreendido. Devido à significação articular-se em duas dimensões, a língua tem o poder de interpretar a si e a outros sistemas, justamente porque:

- 1º. ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar é sempre falar-de;
- 2º. ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3º. ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;

4º. ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (Benveniste 1989:63).

É pela propriedade de significar da linguagem – constitutiva do indivíduo – que cada um pode se instaurar como falante, escrevente, leitor e ouvinte em uma língua particular, inseparável de uma sociedade particular com a sua cultura. Essa instauração somente é possível porque estamos em um mundo de língua-discurso, expressão com a qual Benveniste fecha o texto “A forma e o sentido na linguagem”, pois antes “da enunciação a língua não é senão possibilidade da língua” (Benveniste 1989: 83). Portanto, é a enunciação que dá existência para a língua ao se tornar discurso.

É o discurso que põe em cena a dupla natureza da língua: de ser imanente ao indivíduo e, ao mesmo tempo, transcendente à sociedade. Essa dupla natureza da língua se fundamenta em seu exercício, cuja materialidade é o discurso, noção de que trataremos na próxima seção.

2. Enunciação e discurso: elementos para uma concepção enunciativa de texto

O discurso insere-se no mundo por meio da língua em emprego, ou seja, por meio de um ato de enunciação. Na base dessa atualização da língua em discurso, que marca a nossa vivência na linguagem, está o fato de que cada um, ao tornar a língua própria para se enunciar, constitui-se como tal em uma relação constante com o outro via ato enunciativo. Nesse ato, o *locutor* faz a passagem para *sujeito* e a língua, para *discurso*.

Assim, o homem – em uma dimensão antropológica – e a linguagem – em uma dimensão simbólica – são considerados como, respectivamente, locutor e ato de apropriação da língua em uma dimensão linguístico-enunciativa³. É no ato de enunciação, quando se apropria

3. O homem na língua-linguagem, axioma presente na reflexão de Benveniste, é o que permite defender uma dimensão antropológica na sua abordagem de linguagem. Essa dimensão transversal está presente tanto em um estudo que adota um ponto de vista

da língua, que o locutor faz a passagem a sujeito e implanta o outro diante de si, atualizando a comunicação intersubjetiva. Estamos agora na dimensão do discurso e é, nessa dimensão, que podemos conceber o texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem.

Como o texto, sob o viés enunciativo, é o discurso resultante do ato individual de apropriação da língua por um locutor, que, ao se declarar como sujeito, implanta o outro diante de si, nessa perspectiva, o estudo enunciativo de um texto privilegia a relação do produtor com o seu discurso – o fato de ter se enunciado de determinado modo – e os efeitos de sentidos constituídos na interlocução por meio da verificação do modo como as formas se diversificam e se engendram no fio discursivo. Nesse caso, um estudo do texto pelo ponto de vista enunciativo considera *o fato* de o locutor mobilizar a língua de determinado modo, e não o produto resultante do ato, enquanto conteúdo. Isso faz com que Benveniste (1989) privilegie o processo enunciativo, não o produto, como vemos em suas palavras: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”. (Benveniste 1989: 82). O ato, para o linguista, relaciona-se ao fato de o locutor mobilizar a língua de determinada maneira e constituir os caracteres linguísticos que marcam a relação desse locutor com a sua enunciação.

Estudar o texto, por essa abordagem, parece ser um desdobramento previsto por Benveniste no final de “O aparelho formal da enunciação”, quando destaca a enunciação falada e a enunciação escrita como formas complexas de discursos, que podem ser analisadas a partir do esboço de um quadro formal da enunciação enquanto “fenômeno geral” (Benveniste 1989: 82). É nessa linha que Knack (2012) defende os textos orais e escritos como fenômenos específicos – situados no interior da enunciação –, concebida como fenômeno geral.

Nesse deslocamento do aparelho formal para o estudo de textos, concebemos cada texto como apresentando um aparelho formal de enunciação singular, com caracteres linguísticos específicos, que marcam a relação do locutor com a sua enunciação e o modo específico como implanta o alocutário diante de si.

linguístico-enunciativo, caso deste artigo, quanto em estudos que adotam o ponto de vista semiológico.

Em uma análise enunciativa, a partir do esboço traçado em “O aparelho formal”, com deslocamento para o estudo de textos, atentamos para os seguintes fenômenos: a) *o ato*, que comporta o modo como o locutor se declara como sujeito e como implanta o outro (o interlocutor) diante de si; b) *a situação de discurso*, que está relacionada ao modo como a língua se acha empregada para o locutor constituir a referência no discurso e possibilitar ao outro correferir e c) *os mecanismos linguísticos* utilizados (formas, procedimentos e funções), que atestam a posição do locutor no discurso e o modo como faz a passagem para sujeito.

Com relação ao ato, Benveniste (1989) chama a atenção para o fato de que, desde que o locutor se declara como tal e assume a língua, ele implanta o outro diante de si. Aqui está a questão da intersubjetividade tão enfatizada por Benveniste em outros textos como “A natureza dos pronomes” e “Da subjetividade na linguagem” e “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, textos que tratam do fato de haver, na língua, índices próprios para o locutor se marcar como *eu* e implantar a outra pessoa no discurso, o *tu*. Além dos índices de pessoa, o locutor dispõe dos caracteres específicos de tempo e de espaço para enunciar seu lugar de sujeito.

No que diz respeito às situações em que o ato se realiza, é preciso considerar que, de acordo com Benveniste, o locutor se apropria da língua para enunciar pela necessidade de referir pelo discurso e para possibilitar ao outro da sua alocação correferir. E nesse caso a referência é produto e efeito da enunciação de *eu* para um *tu* sobre um *ele*. Esse *ele* “é o que fundamenta a operação de referência e a possibilidade de discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é da alocação” (Benveniste 1989: 101). Na verdade, o *ele* (referência) adquire o seu valor subjetivo por fazer parte do discurso de *eu*, já que este fala do mundo a partir de si.

Para que o locutor possa converter a língua para referir em seu discurso, precisará apropriar-se dos instrumentos/caracteres da língua que adquirem referência somente na enunciação, dos quais, primeiramente, destacam-se os índices de pessoa, de espaço e de tempo. Além dessas formas, Benveniste focaliza as grandes funções sintáticas, uma vez que, desde que se declara como locutor para influenciar de algum

modo o comportamento do alocutário, ele (locutor) dispõe de um aparelho de funções, no qual se encontra a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo de comportamento com dupla entrada; a intimação, em que aparecem ordens e apelos, marcados pelo imperativo, implicando uma relação imediata do locutor ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação. Outra forma tratada é a asserção, que visa a comunicar uma certeza. De modo mais amplo, ele traz as modalidades, que mostram as atitudes do locutor do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão, incerteza, possibilidade, indecisão etc.). Essas formas e funções são os modos mais aparentes de presença do locutor em sua enunciação, no entanto, as demais formas e procedimentos que o locutor atualiza e engendra em seu discurso fazem com que cada texto seja a atualização de um aparelho formal próprio e singular em um tempo e espaço específicos, fato que atesta o caráter de singularidade de cada texto, concebido como ato enunciativo, ainda que a língua, atualizada no discurso, seja produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade (Benveniste 1989:63). Essa singularidade atrela-se também à noção de apropriação, que comparece duas vezes em “O aparelho formal da enunciação”, vinculada, como vemos a seguir:

1) à *posição* do locutor

O locutor se *apropria* do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de *índices específicos*, de um lado, e por meio de *procedimentos acessórios*, de outro.” (Benveniste 1989: 84, *grifos nossos*).

2) à *necessidade* de referir (do locutor) e à possibilidade de correferir (do alocutário).

a condição mesma [...] dessa *apropriação* da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de correferir” (Benveniste 1989: 84, *grifos nossos*).

Se a *forma* e o *sentido* são noções gêmeas integradas em todas as unidades da língua, a integração dessas unidades no discurso/texto é de responsabilidade de quem se apropria dessas unidades. Por isso a análise de textos pelo viés enunciativo benvenistiano consiste em

buscar os “vestígios” nos modos como cada locutor integra forma e sentido para colocar a língua em emprego em discursos presentes nas distintas práticas sociais. E comentar a presença desses “vestígios” é trilhar um caminho de análise também da ordem da singularidade, visto dizer respeito à proposição de um estudo de texto, que se constitui como um ato de enunciação. Por isso, “como todo comentário de texto, essa análise interpreta os enunciados, mas não pretende dizer tudo sobre seu sentido.” (Normand 2009: 182). Esse estudo é o que propomos no próximo item.

3. Texto e enunciação: uma análise ilustrativa

A enunciação situa-se no terreno da irrepetibilidade, já que – a cada vez que a língua é enunciada – o tempo (*agora*), o espaço (*aqui*) e as pessoas (*eu* e *tu*) são únicos e singulares. Por isso, uma análise enunciativa não generaliza os seus resultados, porque as especificidades do tempo, do espaço e do locutor-analista permitem conceber a adoção de um ponto de vista singular na análise textual, embora os princípios e procedimentos enunciativos abarquem os previstos para a abordagem da enunciação, enquanto fenômeno geral.

A esse respeito Flores (2001: 59) argumenta que, “para se fazer uma análise enunciativa da língua, ou se pode adotar uma das teorias da enunciação existentes – o que já é um ponto de vista – ou se pode construir, teoricamente, uma forma de analisar os fatos de acordo com a concepção adotada sobre a cena enunciativa”, que se constitui a partir do eixo da intersubjetividade (*eu-tu*) e do eixo espaço-temporal (*aqui-agora*). Tais aspectos definem uma metodologia que procura “identificar, inventariar, classificar e descrever formas próprias ao ponto de vista teórico adotado” (Flores 2001: 59). Como nosso ponto de vista teórico adotado é a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, atrelada à sua concepção de linguagem-língua tal como apresentamos nos itens anteriores, levaremos em conta o funcionamento intersubjetivo e referencial da língua atualizada em discurso, com a consideração de que essa língua – por conter a sociedade com seus valores culturais em uma relação de interpretância (Benveniste 1989) – carrega esses valores para o discurso, lugar onde deixa de ser uma possibilidade de

língua para ser uma língua que inclui o locutor no discurso e o situa na sociedade (Benveniste, 1989).

É considerando tais aspectos que apresentamos a seguir uma análise textual, com base na perspectiva enunciativa benvenistiana, do texto *Crônica familiar*, de Eduardo Galeano.

Crônica Familiar

Em Assunção do Paraguai, morreu a tia mais querida de Nicolas Escobar. Morreu serenamente em casa, enquanto dormia. Quando soube que perdera a tia, Nicolas tinha seis anos de idade e milhares de horas de televisão. E perguntou:

- Quem a matou?

Em uma análise enunciativa, consideramos o fato de o locutor mobilizar a língua de determinado modo para convertê-la em discurso. Nesse caso, é interessante observarmos o modo como o locutor se declara como sujeito e implanta o outro (o interlocutor) diante de si. Na *Crônica Familiar*, temos um locutor que não se marca como pessoa no discurso (*eu/nós*) e, com isso, cria o efeito de distanciamento com o leitor (interlocutor da crônica). Esse distanciamento possibilita a esse locutor se situar como crítico da vida familiar/social de Nicolas Escobar, uma criança de 6 anos com milhares de horas de televisão.

O locutor emprega a língua para expressar a sua relação com o mundo e para constituir a situação de discurso. Essa situação de discurso, que é criadora de referência, pode ser analisada pelas formas específicas – pessoa, tempo e espaço – e pelos procedimentos acessórios – modo como as formas estão relacionadas e combinadas no discurso e pelo aparelho de funções – mecanismos relacionados às grandes funções sintáticas (interrogação, asserção, intimação e modalidades).

No discurso da crônica, o tempo passado (pretérito perfeito) está engendrado em relação ao presente do locutor que se enuncia para carregar o efeito de certeza dos acontecimentos enunciados (a morte da tia de Nicolas, o saber de Nicolas sobre essa morte e a sua interrogação relacionada ao falecimento da tia). Interessante que esse tempo, ao carregar o efeito de certeza, comparece inclusive na interrogação do personagem Nicolas Escobar, que enuncia convictamente sua posição de que a tia não teve uma morte natural, pois sua dúvida está relacionada ao agente dessa morte e não à maneira de morrer (“Quem a matou?”).

O modo como o locutor, no discurso, comunica certeza também pode ser depreendido pela presença de asserções no discurso.

Com relação ao espaço, comparecem a cidade e o país (Assunção no Paraguai, lugar onde morreu a tia), espaço social onde se situa o locutor. Portanto, a sua crítica social está direcionada a essa sociedade, onde, muitas vezes, a televisão ocupa o lugar de interlocutor principal das crianças (“Nicolas tinha seis anos de idade e milhares de horas de televisão”). Interessante destacarmos que tempo-espaço-pessoa estão interligados, uma vez que, no momento em que o locutor afirma, que “Nicolas tinha seis anos de idade e milhares de horas de televisão” não somente atesta o tempo de convívio do menino com a televisão como também o fato de que ficava muito tempo em frente à televisão, ou seja, em um mesmo espaço. Além disso, mostra com quem a criança relacionava-se, intersubjetivamente, na maior parte do tempo.

Com relação às pessoas do discurso, como já mencionado, o locutor não se marca no discurso como “eu”. No entanto, a sua constituição subjetiva está relacionada ao modo como insere e engendra as formas no discurso para construir o sentido crítico do que enuncia. Ao inserir as palavras de uma criança de seis anos “com milhares de hora de televisão” e responsável por enunciar uma pergunta sem explicitar a presença de um interlocutor que lhe conceda uma resposta, o locutor, em seu ato de apropriação da língua, sinaliza para o leitor, o outro de sua interlocução, a solidão da criança, que tinha, como principal companhia, a televisão com programas de violência. Tal sentido está inscrito na interrogação formulada, que incide na busca do responsável pela morte da tia (“Quem a matou”), e não no motivo/causa da morte (“Do que morreu”? “Por que morreu?”).

A crônica tem como característica principal registrar e criticar fatos do cotidiano e, por isso, possui um caráter contemporâneo. No caso, o locutor constitui, no discurso da crônica, como referência, a crítica ao universo de interlocução a que estão imersas as crianças e a grande influência dos meios eletrônicos em suas vidas, especialmente a televisão. Para constituir essa referência, insere no discurso, como personagem principal, uma criança de 6 anos que convive exageradamente com a televisão (“milhares de horas”). Interessante observar que essa criança possuía laços afetivos com familiares, visto a tia morta

ser “a mais querida”. Isso atesta que Nicolas possuía laços afetivos maiores com essa tia e que tinha outras tias; no entanto, as tias não se constituem como principais interlocutores de Nicolas, visto ser a televisão sua principal companhia.

A partir dessa análise, apenas ilustrativa, atestamos que um estudo enunciativo de textos prioriza o modo como cada locutor se vale, singularmente, de formas e procedimentos da língua para se enunciar e constituir, intersubjetivamente, o outro no discurso, que resulta de sua enunciação. Portanto, a análise apresentada constitui um modo de olhar para a língua em emprego, enquanto prática social, que se fundamenta na dupla natureza da linguagem, atualizada na língua: ser “imaneante ao indivíduo e transcendente à sociedade”. (Benveniste 1989: 97). Essa dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem, porque atrelada à sua capacidade simbólica de significar que se realiza em uma língua e se atualiza nos discursos/textos. Esse é seu poder fundador, “*que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu.*” (Benveniste, 1995:27)

Considerações finais

A língua somente tem vida ao se refazer a cada instância de uso. Tornar a língua própria é o aspecto constitutivo do próprio ato de enunciar, seja no de falar, seja no de ouvir, seja no de escrever, seja no de ler. Por isso, temos defendido que ensinar língua portuguesa, nessa perspectiva, é possibilitar ao aluno estar no funcionamento simbólico da linguagem para produzir sentidos aos discursos falados, escritos, lidos e ouvidos para continuar sua história de enunciações, visto que, na concepção enunciativa de linguagem benvenistiana, “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida” (Benveniste 1989: 18).

Esse inventar somente se torna possível a cada inserção do discurso no mundo, lugar de cada indivíduo viver experiências novas e únicas de significação na linguagem num eterno movimento de aprendizagem, conforme atestam as belas palavras de Riobaldo, atualizadas por Guimarães Rosa (1976:20) em Grande Sertão Veredas, com as quais

O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem

fecho este texto: “*as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando.*”

Essas mudanças se tornam possível *na e pela* linguagem.

Recebido em: 15/02/2017

Aprovado em: 30/04/2017

E-mail: clcostasilva@hotmail.com

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. 1995. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. 1989. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes.
- DESSONS, Gérard. 2006. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press.
- FLORES, Valdir do Nascimento. 2001. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*. 4:7-67.
- _____. 2013. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola.
- GALEANO, Eduardo. 1999. *De pernas para o ar*. Porto Alegre: L&PM.
- KNACK, Carolina. 2012. *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre.
- ROSA, Guimarães. 1976. *Grande sertão: veredas*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.